



ModaPalavra e-periódico

E-ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa
Catarina
Brasil

Merlo, Márcia; Caracio, Karen

Moda e Indumentária aplicada ao estudo da museologia.

ModaPalavra e-periódico, núm. 10, julio-diciembre, 2012, pp. 6-17

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514051627002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Moda e Indumentária aplicada ao estudo da museologia.

Fashion and History of Dresses applied in the study of museology.

Márcia Merlo

Doutora em Ciências Sociais Antropologia –
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

mmerlo@anhembi.br

Karen Caracio

Bolsista de Iniciação Científica

Resumo

O artigo aborda o trabalho de museologia tendo como fonte de observação e análise os modos e modas captados por meio de fotografias de álbuns de famílias e ou de trajes de época, tratando, especialmente, de como a memória e o olhar sobre práticas sociais contribuem para o estudo do vestuário, tendo como veículo de pesquisa e difusão um museu virtual. Esta abordagem está diretamente relacionada ao trabalho do grupo de pesquisa - Museu da Indumentária e da Moda (MIMO) - do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Design da Universidade Anhembi Morumbi.

Palavras-Chave: Design, Moda e Museu.

Abstract

The article discusses the work of museology having as a source of analysis and observation modes and fashions captured by photographs from family albums and or history of dresses of the time, especially in like memory and the look on social practices contribute to the study of clothing, having as vehicle research and dissemination in a virtual museum. This approach is directly related to the work of the research group - Museum of clothes and fashion (MIMO) - Postgraduate program in Design at the University Anhembi Morumbi.

Keywords: *Design, Fashion and Museum.*

Introdução

A pesquisa apresentada nesse artigo é fruto de um projeto de Iniciação Científica alocado no grupo de pesquisa Museu da Indumentária e da Moda. O MIMO aborda a temática da Indumentária e da Moda, sendo um museu virtual.

Como forma de compreender a temática do grupo - memória, museu e moda - a pesquisa se fez necessária e a partir dela uma reflexão de temas, aparentemente diversos, apresentou-se como fonte de conhecimento e de interligação de saberes, fortalecendo ainda mais a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade presentes no design e na moda, por meio do museu, no caso. Teve como objetivo central observar como certas práticas sociais e culturais são retratadas por meio da indumentária e da moda e entender como a museologia contribui para registrar e difundir esse retrato da cena social e cultural, tendo como estudo as peças do vestuário feminino, especialmente os acessórios, encontradas no Núcleo de Moda da Universidade Anhembi Morumbi.

Dois métodos de trabalho foram adotados para a realização da pesquisa: uma abordagem referencial teórica e uma prática que se constituiu em estudar as peças do acervo, no intuito de constituir uma ficha de catalogação em que pudéssemos aproximar a história da moda, por meio das peças analisadas, e o valor da memória nelas incutidas. Dessa maneira pode-se perceber a importância da memória e da moda, por meio dos artefatos, pois nossos pertences guardam e contam histórias.

O Conceito de Museus

A partir do momento em que a palavra museu é abordada, o pensamento, via de regra, remete-nos a uma locação ampla: salas compostas de objetos que possuem a função de transmitir uma história ou o momento que se quer retratar. Mas para compreender a

principal função de um museu é necessário esclarecer o conceito de coleções, essa que está totalmente vinculada ao termo museu e é responsável pelo seu reconhecimento histórico.

A pesquisadora Norogrande (2011) nos coloca que objetos de qualquer natureza e finalidade, que estejam fora do circuito econômico e necessitem de uma proteção especial, podem fazer parte de uma coleção. Sendo assim, museu é um termo ocidental utilizado para referir-se a um ambiente que abriga coleções. (GONÇALVES, 2007)

Os primeiros museus, dos quais se têm notícias, são originários de coleções particulares ou de coleções de objetos valiosos de famílias (NOROGRANDO, 2011). Essas, os colecionavam não apenas porque as peças eram incutidas com o valor familiar, mas também por seu valor social e político, pois quanto mais bens possuísem e mais preciosos fossem, maior seria o status da família ou pessoa, distinguindo-a das demais.

Em suma, instala-se no século XVIII, em meio às revoluções burguesas, a ideia de patrimônio nacional. As coleções particulares ganham tal dimensão, ou seja, determinada coleção perde o valor de agregação de status para uso privado e passa a ser “objeto de arte” para apreciação coletiva. Portanto, os museus nascem no século XIX com a missão de tornar suas coleções, ou parte de seus acervos, algo visível, que transmita informações, por meio de objetos e pertences que contem história e marquem certos períodos e comportamentos relevantes à cultura e saber da sociedade local e nacional, sobretudo.

Atualmente, o debate em torno do papel do museu retorna com força e ganha amplitude nacional e internacional, podendo ser verificado seu dimensionamento, conforme apresenta o Estatuto do Conselho Internacional dos Museus (ICOM):

[...] um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquirir, conserva, pesquisa, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente para fins de educação, estudo e divisão. [...] (revistamuseu.com.br).

Gonçalves (2007), também, expõe que é preciso, hoje,

entender os museus enquanto espaços integrantes dos modernos “sistemas de arte e cultura” (CLIFFORD, 2003) por meio dos quais grupos e categorias sociais representam e constituem simbolicamente suas inter-relações e sua inserção na sociedade brasileira. A

ModaPalavra E-periódico

estratégia assumida é a de focalizar os processos cotidianos de construção e reconstrução desses sistemas do ponto de vista de seus agentes. Assumi como tarefa inicial saber como os “profissionais de museus”, aqueles que são responsáveis pela formação, preservação e exibição de coleções, concebem sua atividade e que relação estabelecem entre esta e os diversos grupos e categorias sociais que compõem a sociedade brasileira e que, em princípio, devem estar representados, de formas diversas, em nossos museus.

Dito isto, retomamos a importância de pensar o alcance do Museu da Indumentária e da Moda para a área em que estamos inseridos e sua abrangência social. Seja do ponto de vista da museologia, seja pensando o Design e a Moda, não temos dúvidas de que este é um caminho para se trilhar em termos de pesquisa científica e produção cultural. Neste sentido, Merlo e Castilho (2011) comentam que

esta ideia corrobora com nossa visão de um museu onde diversos grupos e categorias sociais possam contribuir na preservação, assim como na revelação de experiências singulares que abarcam situações cotidianas ou inusitadas vividas por uns e outros e que podem ser socializadas por meio de uma memória social que de individual se faz coletiva, através do ritual da moda e de seu sistema também diferenciador. (Anais do VI CIPED, Lisboa, 2011)

Moda e indumentária

De maneira a estabelecer uma conexão entre os temas se faz necessário esclarecer a moda em sua raiz, ou seja, em seu contexto histórico, para então esclarecer a relação entre os principais temas do presente artigo.

Entende-se que o ato de vestir e cobrir o corpo expressa um papel importante na formação social da identidade, pois a maneira como a humanidade se veste, e isso ocorre e ocorreu em diversas épocas e culturas, influenciam o meio no qual o indivíduo se insere na sociedade. A veste pode expressar o grupo religioso que frequenta, as ideologias políticas adotadas, o estrato social ao qual se enquadra e os agrupamentos culturais formados na busca incessante de pertencimento/ reconhecimento.

Retomando um pouco da história da indumentária e da moda, especialmente no período medieval, obteremos uma noção de que o vestuário apresentava um trânsito entre a distinção de classes, o status quo e o poder econômico. Segundo Crane (2006) a silhueta adotada no período se caracteriza por ajustar-se ao corpo, por esse motivo eram todas

confeccionadas sob medida e seus recortes e formas eram influenciados pelo mais alto escalão aristocrático. Houve momentos em que a cor e tecidos utilizados nos modelos eram determinados a diferenciar as classes sociais. Por um lado há a aristocracia e o clero, cunhados no luxo, e, por outro há o nascimento de uma nova classe - a burguesia - que buscava posição de destaque na sociedade, ostentando, também, por meio do vestuário sua ascensão.

[...] Até a Revolução Industrial e o surgimento do vestuário confeccionado por máquinas, as roupas geralmente se incluíam entre os mais valiosos pertences de uma pessoa. [...] Em sociedades pré-industriais, a forma de vestir indicava com muita precisão a posição do indivíduo na estrutura social. (CRANE, 2006, p.25)

Após a moda medieval, inicia-se a moda moderna que vigorou junto a uma das revoluções mais conhecidas do século XIX na Europa - a Revolução Industrial. Consequentemente, a sociedade se depara no centro de novas mudanças, como a revolução tecnológica, que traz as máquinas a vapor e o surgimento das primeiras indústrias têxteis. Sendo assim, a moda entra em sua fase de industrialização, visto a profunda reestruturação pelo qual passou o fazer artesanal do vestuário. A moda feita na era industrial passou a atender uma camada emergente dessa sociedade. O que antes era realizado sob medida e por encomenda deixa de ser um costume, pois as roupas passam a ser confeccionadas em maior escala, com mão de obra operária, dentro de um sistema fabril com a divisão do trabalho, tornando, em função dessa nova organização produtiva, os valores das peças mais baratos, o que, também, deu início à geração de novos desejos de possuir peças de luxo antes destinadas apenas às classes mais abastadas. Ainda que não fosse para atender a todos, houve um aumento do consumo (ou o desejo de consumo) e a tomada de consciência de um novo devir.

[...] Como primeiro item de consumo disponível em larga escala, as roupas às vezes representavam um luxo tanto para os ricos quanto para os pobres. Mulheres de classe operária que trabalhavam fora gastavam seus salários em itens da moda. Mulheres das classes média e alta destinavam às roupas uma porção substancial de renda familiar [...] (CRANE, 2006, p.27)

Entende-se então que o vestuário torna-se uma máscara para o homem, ou seja, as vestes escolhidas pela pessoa se torna uma ação, pois esses itens sofrerão uma interpretação tanto da pessoa que os está utilizando quanto daquela que percebe o vestuário do outro. Dentro desse movimento das identidades relacionais e posição social, o vestuário pode ser entendido como indumentária, pois esse é o termo utilizado para se referir ao conjunto de artefatos utilizado pelo homem para cobrir seu corpo (NOROGRANDO, 2011). E, por meio deles encontramos elementos que fazem a mediação de tais relações e localizam os indivíduos no tempo e no espaço, também dentro de um dos movimentos da moda.

Memória

Como apresentado anteriormente, os museus, tradicionalmente, têm como função proteger e conservar coleções. Essas coleções abrigam objetos carregados de história e significados. Esses dois elementos - história e significado, por sua vez, são constituintes da memória e apresentam-se como representativos de alguma passagem marcante.

Adentrando o debate em torno da memória, Pollak (1992) afirma que em uma primeira observação a memória é tida como algo individual. Em Halbwachs (1990, p.46) observa-se que “cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva”, ou seja, para que alguém carregue uma memória dita como propriamente sua, obteve informações do meio em que vive e a partir de então pode formar sua memória individual; esta é uma relação intrínseca ao pensar a memória. Percebe-se, na citação a seguir, a relação indivíduo e sociedade.

[...] Quando nos indicam com precisão o caminho que tínhamos seguido, [...] nós a ligamos uma a outra, elas se aprofundam e se religam por elas mesmas. Elas já existiam, mas estavam mais marcadas na memória dos outros do que em nós mesmos. Sem dúvida nós reconstruímos, mas esta reconstrução se faz seguindo as linhas já marcadas e desenhadas por outras lembranças, nossas ou de outros. [...] (HALBWACHS, 1990, p. 65).

Entende-se por lembranças: situações vividas, histórias ouvidas, o cotidiano apresentando o corriqueiro assim como o inusitado que permeiam o imaginário individual e

coletivo. A memória, portanto, está dentro do debate das representações sociais e faz parte da cultura e da sociedade em que estamos inseridos.

Pollak (1992), ainda, afirma que a memória possui dois elementos constitutivos, sendo os acontecimentos vividos pessoalmente, fatos presenciados pela própria pessoa, e os acontecimentos de transferência, ou seja, um fato lembrado pelo grupo no qual alguém se insere ou o que é vivido pela coletividade. Neste caso, a pessoa em si pode não ter presenciado ou vivenciado o acontecimento, mas as lembranças são tão marcantes que passa a adotar em sua memória como algo que tenha de fato vivido ou presenciado, tornando-se sua e por fim não sabe ao certo se estava presente ou não, mas também isso não importa mais, já que passa a fazer parte de suas reminiscências e narrativas.

Em outras palavras, muitas lembranças remetem ao vivido; outras, no entanto, fazem parte do ouvido e observado do que ocorre ao nosso redor, mas que passam a fazer tanto sentido para o indivíduo, que já não se distingue o que se viveu de fato com o que passou a existir como seu. Assim, a memória é algo que está sempre em constante mudança, pois o homem abastece sua memória a partir de diferentes pontos de referências, alguns extremamente marcantes - inesquecíveis e imutáveis - e outros passageiros. Segundo Pollak (1992, p.203) “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Assim, como nem tudo é dito.

Podemos ter como exemplo fatos históricos marcantes que atravessam gerações e estão sempre conectadas ao consciente das pessoas.

[...] É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da sociedade, ocorra um fenômeno de projeção ou identificação com determinado passado [...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identidade. (POLLAK, 1992, p. 201)

Aqui podemos traçar um paralelo entre museu e memória, pois se percebe que um carrega em si a característica do outro. O museu apresenta (traz) elementos - coleções, mostras, objetos - carregados de memórias vivenciadas por outros, sejam elas atuais ou não, e passa para o seu espectador essas novas informações, causando a possibilidade desse

sujeito se identificar e relacionar-se com o assunto abordado, fazendo, assim emergir lembranças que o afetam de múltiplas formas.

Aqui, vale ressaltar, que há um movimento circular no tempo da memória – ela sai do presente, vai ao passado e retorna ao presente, propiciando uma revisão da vida. O que ela faz emergir ou silenciar é a experiência individual e está é única de cada ser, ainda que o que se apresenta seja uma produção coletiva de um tempo ou lugar. Os objetos carregam histórias porque nos relacionamos com eles o tempo todo. Merlo (2010) apresenta esta abordagem de forma que pode concluir, momentaneamente, o exposto:

Por memória, aqui, entende-se representação, rememoração, reminiscência, recriação de um passado. Passado este colorido pelo presente, pois lembramos sempre a partir do tempo presente em um movimento da memória que sai deste, volta ao passado e retorna ao presente permeado de elementos compostos, tecidos neste próprio movimento. Mesmo porque esse passado é impossível de ser recuperado, reconstituído no sentido pleno do termo. E, neste sentido, o trabalho com a memória corresponde, geralmente, ao cotidiano e representa diversas formas de lembrar e de compor esse lembrar, dentro de um tempo e lugar. (Anais do 6º. Colóquio de Moda, 2010)

Metodologia da pesquisa

Em um primeiro momento da pesquisa pode-se, por meio de referências bibliográficas, conhecer e reconhecer conceitos como: indumentária, moda, museu e memória, de maneira a compreender o tema proposto pelo grupo de pesquisa Museu da Indumentária e da Moda, embasados pelo grupo de estudos Design, Memória & Sociedade. Tais aportes teóricos propiciou outro momento da pesquisa – o da aplicação desse referencial na catalogação preliminar dos itens dos trajes femininos, das décadas de 1920 a 1950, contidos no acervo do Núcleo de Moda da Universidade Anhembi Morumbi.

As peças trabalhadas especificamente foram chapéus e bolsas. Tais acessórios foram observados e fotografados, para daí extrairmos o máximo de informações que as peças nos oferecem: tecidos, aviamentos, design, origem, usos e significados prováveis contidos no objeto de nosso estudo.

Após esse levantamento voltamos para a pesquisa bibliográfica, adotando o método comparativo e por associação. Dos livros de história da moda (AVERY, 1994; BAWDEN,

ModaPalavra E-periódico

1992; FORTY, 2007; GEOFFROY, 2004; KÖHLER, 1996; LAVER, 1989; TERRY, 1998; XIMENES, 2009; WILCOX, 1997) foram retiradas informações que desvendavam em que período da história pertencia tal objeto, revelando o porquê de ser utilizado de tal maneira, o porquê do mesmo obter sua forma, cores, tecidos e em qual momento esse traje foi afetado ou não pelas atitudes tomadas pelos indivíduos ou sociedades, e também, como certos fatos históricos levaram as mulheres a utilizarem determinadas peças e de variadas formas para pensar modos e modas criadas, adentrando o universo do design e da moda.

A partir da coleta desses dados foi desenvolvida uma ficha catalográfica para identificar cada peça. Essa ficha contém as seguintes informações: modelo, ano de referência, histórico do modelo, nome do doador, memória da peça e sua foto. Ao todo foram desenvolvidas trinta e oito fichas, sendo 15 (quinze) fichas catalográficas de chapéus e 23 (vinte e três) de bolsas.

Modelo da Ficha Catalográfica criada a partir da pesquisa:

Modelo		Ano da peça	
Breve histórico do Modelo			
Descrição da Peça		Foto da peça	
Dado por:			
Ano de doação			
Características da peça:			
Memória da Peça			

Figura 1- Ficha Catalográfica Desmembrada.

ModaPalavra E-periódico

Uma das fichas criadas a partir do levantamento das peças do Núcleo de Moda da Universidade Anhembi Morumbi:

Modelo	Bolsa de crochê	Ano da peça	Registro não consta no acervo
Breve histórico do Modelo			
<p>Durante a Segunda década do século XX, principalmente no período da primeira guerra, as mulheres que desejassem portar um acessório que fazia referência ao luxo, tiveram de optar pela criatividade e pelos fazeres manuais, estes mais acessíveis para o momento. O crochê foi a saída, pois com ele era possível criar bolsas de diversas cores e modelos. A foto do modelo presente no acervo, faz referência a um famoso modelo de 1917 -<i>The Mandarin Bag</i>-, uma grande bolsa de crochê com dois anéis de pulso.</p>			
Descrição da Peça		Foto da peça	
Doador por Lúcia Maria Baptistella Rocha			
Ano de doação			
Esse registro não consta no acervo.			
Características da peça:			
Bolsa na cor bege, com alças circulares de plástico branco.			
Memória da Peça			

Figura 2 – Ficha em Completa

Considerações Finais

A partir dessa pesquisa foi possível compreender como práticas culturais e sociais relacionam-se a moda, como podem ser captadas por meio de estudos museológicos e por intermédio dos artefatos que contam histórias. O vestuário, por meio da moda, pode ser encarado como uma “máscara” que irá encobrir seu corpo, não revelando seu próprio eu, mas sim a imagem que se tem a intenção de apresentar. De qualquer modo, podemos perceber que essa “máscara” é vista também como uma “peça” responsável por contribuir com a história social e as memórias coletiva e individual reveladas pelos museus de moda, que têm como importante missão a de registrar e mostrar os valores impostos, adquiridos ou criados e recriados em cada época, onde cada indivíduo tem um papel singular na construção desse repertório desvelado, também, pelos seus pertences. Daí a relevância de existir um museu como o MIMO (Museu da Indumentária e da Moda) e da pesquisa aqui, brevemente, apresentada.

Referências Bibliográficas

Livro

- AVERY, Virginia. *Hats*. Estados Unidos: S.C.P, 1994.
- BAWDEN, Juliet. *Hat Book*. Inglaterra: Park Books, 1992.
- CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora SENAC, 2006.
- FORTY, Adrian. *Objetos do Desejo*. Design e sociedade desde 1750. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007 (Museu, memória e cidadania).
- GEOFFROY, Bérénice. *Bags*. Nova Iorque: Editora Assouline, 2004.
- HALWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- KÖHLER, Carl. *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- TERRY, Terence. *Hat Tricks*. Londres: New Holland, 1998.
- VILLAÇA, Nízia; CASTILHO, Kathia (org.). *Plugados na Moda*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2006.
- WILCOX, Charles F. *Century of Bags*. Estados Unidos: Chartwell Books, 1997.
- XIMENES, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

Artigo

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. “Memória e família”. In: *Revista Estudos Históricos*, Vol. 2, nº3, Rio de Janeiro, 1989, p.29-42.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Revista Estudos Históricos*, Vol. 5, nº 10, p. 200-12, Rio de Janeiro, 1992.

Sítio Eletrônico

ModaPalavra E-periódico

Estatuto do Conselho Internacional dos Museus (ICOM). Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/eticaicom.htm>. Acesso: 01/04/2012.

Dissertação de Mestrado

NOROGRANDO, Rafaela. *COMO É FORMADO O PATRIMÔNIO CULTURAL: Estudo museológico em Portugal na temática Traje/Moda*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural) – Depto. De Antropologia/FCTUC - Universidade de Coimbra, Portugal.

Anais

MERLO, Márcia e CASTILHO, Kathia. “Moda Documenta: Museu da Indumentária e da Moda.” In: *Anais do VI CIPED – An Agenda for Design*, Lisboa, Portugal: Fundação Galouste Gulbenkian, 2011. (Pen-drive)

MERLO, Márcia. “Memórias: imagens entre fotos, palavras, coisas e sonhos” In: *Anais do 6º. Colóquio de Moda*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010 (CD-ROM).